

LUIZ CRISTOVÃO DOS SANTOS

# CARLOS FREDERICO XAVIER DE BRITTO



O BANDEIRANTE "DAGOIABA"



1910

RECIFE-1953

## OBRAS DO AUTOR :

- "HINO AO SERTÃO" — Poesias. 1937.  
Tip. "PRIMA" — EDITORA.  
ARCOVERDE — PERNAMBUCO.
- "ADOLESCÊNCIA" — Poesias. 1938.  
GERAÇÃO — EDITORA.  
RECIFE — PERNAMBUCO.
- "BILHETES DO SERTÃO" — Crônicas sertanejas.  
1950 — Prefácio de A. Napoleão.  
Tip. "PRIMA" — EDITORA.  
ARCOVERDE — PERNAMBUCO.
- "PADRE COTTART — UM VIGÁRIO DO PAJEÚ"  
1953 — Empresa JORNAL DO COMÉRCIO S/A.  
RECIFE — PERNAMBUCO.
- "FREI DAMIÃO" — O MISSIONARIO DOS SERTÕES" — 1953  
*Introito* de Anibal Fernandes.  
Emp. JORNAL DO COMÉRCIO S/A.  
RECIFE — PERNAMBUCO.
- CAMINHOS DO PAJEÚ — Crônicas Sertanejas —  
1953.  
Prefácio de José Lins do Rêgo  
Ilustração de Ladjane  
Editora "NORDESTE"  
RECIFE — PERNAMBUCO.

Em preparo :

A PAISAGEM HUMANA DO PAJEÚ.

(*Tentativa de interpretação de um rio sertanejo*).

**Luiz Cristovão dos Santos**

**CARLOS FREDERICO XAVIER DE BRITTO**

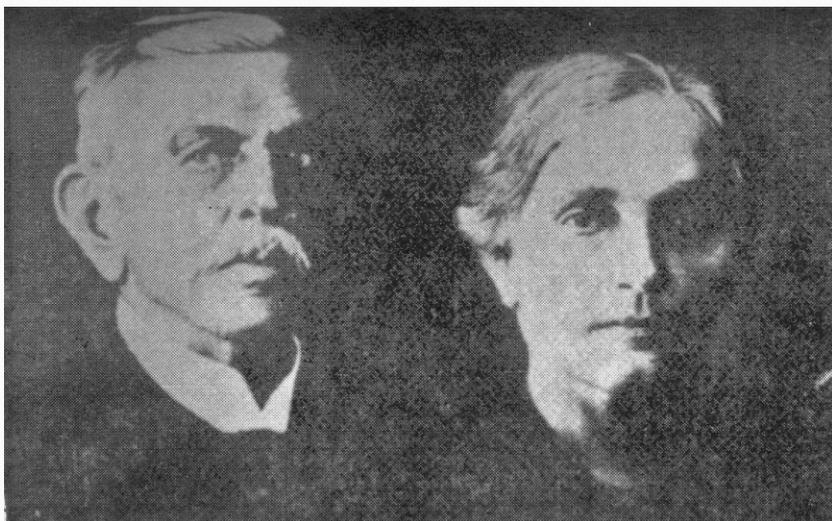
**O "BANDEIRANTE" DA GOIABA**

— oOo —

**R e c i f e**  
**1 9 5 3**



*Capa de M. BANDEIRA reproduzindo a Fábrica "PEIXE" em Pesqueira — no ano de 1910 — com silhuêta do Cel. Carlos Frederico Xavier de Britto e o convento dos Franciscanos, inspirada numa fotografia da coleção do sr. Eurico Britto de Oliveira Andrade.*



*Carlos Frederico Xavier de Britto*  
*e*  
*Dona Maria da Conceição Cavalcanti de Britto.*  
*Fundadores das indústrias "PEIXE".*



# I

O bacamarte e o boi abrem caminho na  
aventura da colonização.

A Mata e o Sertão chamado “Bruto”

Cana de Açúcar e Gado “Pé - Duro”

A humanização da “caatinga”

O roteiro de São Francisco furando  
a terra virgem.



Quando a Civilização, partindo do litoral, abriu caminho na marcha para a “hinterlândia”, atravessou de início a zona da mata, difundindo a cultura da cana e dos cereais e construindo os primeiros engenhos de açúcar, que eram movidos á fôrça d’agua ou de animais.

A princípio se deixou ficar agarrada ao massapê gôrdo e pegajoso das várzeas, onde os rios quasi perenes — o IPOJUCA, o UNA, o SERINHAEM, o CAPIBARIBE, — ajudavam a aventura da fixação do homem. Do outro lado, em sentido oposto, lá para o sertão chamado bruto, rolava o fragor do desbravamento, feito ao estrondo do bacamarte, toca-

do do fogo da gente de PIRATININGA, cujas “bandeiras” enchiam de alvoroço a terra virgem, vadeando rios, “preando” índios, batendo os meridianos daqueles mundos ásperos. No rasto do bandeirante, palmilhando o caminho aberto na penetração trepidante, seguia o colonizador. Era o sesmeiro que vinha da CASA DA TÔRRE, plantada no recôncavo baiano, disposto a mergulhar na aventura do sertão, para fundar fazenda de gado. E com a escritura de terra, no bolso do gibão de couro, ao lado da mulher, dos filhos e da escravaria, trazendo a primeira semente e o primeiro gado, o sesmeiro subia o curso do SÃO FRANCISCO — caminho natural de penetração — para a obra do desbravamento. Depois de muitas léguas de rio, na viagem exaustiva, o colonizador tomava o curso dos afluentes da margem pernambucana — o IPANEMA, o MOXOTO, o PAJEU, — que eram os roteiros de então para o mistério dos sertões. Aquela era a odisséia dos currais, na fase heroica da “civilização do couro”. Assim, nos extremos do mapa do Estado, — mata do açúcar e sertão da pata de boi — a civilização engatinhava na manhã alvoroçada da conquista. Havia, porém, uma

outra zona, que pelas suas condições, nem era mata nem tão pouco sertão. Largo trecho encravado no centro da fisiografia, era o agreste marginal e intermediário. Aos poucos, também ali foi chegando a influência das zonas limítrofes. Para os seus campos onde crescia a pastagem nativa, chegou o boi, pesadão e tardo, cujas patas abriram caminho, ao estrondo dos bacamartes das "entradas", nas fronteiras cariris. Aparecem assim, as primeiras fazendas, os primeiros currais do agreste, surge o comércio incipiente, despontam os núcleos primitivos de atividade social. Era a "humanização" da caatinga, a valorização dos baixios e dos pés-de-serra. Tenaz e perseverante, o homem fincava os marcos da conquista naqueles descampados, plantando os povoados e as vilas que seriam mais tarde as cidadezinhas matutas. E no meio dos núcleos primitivos que fixaram a vida e agruparam os valores humanos no agreste de PERNAMBUCO, PESQUEIRA é, sem favor, um belo capítulo na história da formação social da "hinterlândia".

Para isso, muito se deve aos pioneiros, aos que, a golpes de audácia e de visão credao-

ra, superaram as contingências do meio ambiente, venceram a resistência da terra inculta e criaram novas fórmulas de vida na paisagem adusta.

## II

O "Bandeirante" chega ao agreste e  
descobre que goiaba é ouro.

Dona Yayá, o anjo que anuncia a  
nova indústria.

O Peixe — símbolo eterno!

Um boeiro cachimba diante da Ororubá.



Assim aconteceu com **CARLOS FREDERICO XAVIER DE BRITTO**: homem simples, de formação inteiriça, verdadeira vocação de pioneiro que, se fôsse vivo, completaria hoje — 20 de setembro — cem anos de existência afanosa e fecunda. E o exemplo da sua vida tão dignificada pelo trabalho é apontado aos pósteros, com orgulho, na terra que foi teatro das suas lutas e das suas vitórias. Saindo do Recife em 1882 para tentar a vida numa cidade matuta, êle chegou á **PESQUEIRA**, modesto burgo do interior, e ali instalou uma casa comercial, na principal rua do lugarejo. Também abriu um armazem para comprar peles, quando Delmiro Gouveia

no sertão, iniciou em larga escala o comércio de courinhos. Tempos depois, porém, derivou as suas atividades para uma pequena indústria que seria mais tarde uma das mais poderosas do Brasil. E' que, em tachos de cobre, a fôgo nú, a sua espôsa devotada, DONA MARIA DA CONCEIÇÃO CAVALCANTI DE BRITTO, iniciara o fabrico do doce de goiaba, numa simples atividade doméstica. CARLOS DE BRITTO, então se apercebeu do valor daquela iniciativa e, assim, ao lado de DONA YAYA', lançou as bases da industrialização da goiaba. E naquele modesto "chalé" da Rua QUINZE, rasgava-se um novo horizonte para a região. Um "bandeirante" descobrira a goiaba. Ele iria revolucionar, com uma nova indústria, a paisagem agrestina. Seria um agente poderoso da geografia humana, imprimindo uma nova fisionomia á ecologia daqueles meridianos, agitando e dinamizando a terra e a gente daquela paisagem adormecida na pasmaceira e na rotina. Vindo tentar a vida no interior, aquele homem alto e esguio, de olhos azuis e bigodes arruivados, haveria de se identificar profundamente com o meio ambiente que o cercava. Trouxera um coração de desbravador e uma alma de pioneiro que

seriam postos maravilhosamente ao serviço daquela iniciativa, a princípio obscura e humilde. Não repetiu nem seguiu o caminho dos outros. Foi original na sua arrancada. Lançou mão de uma fruta singela e a transformou na alavanca da sua poderosa indústria. O que há de belo nesse centenário é o traço de poesia, o halo de ternura que vem da terra e liga o homem ao chão, ás folhas, ao fruto bom e generoso do solo amigo. Possuído desse sentimento CARLOS DE BRITTO foi ao encontro da goiaba. A Natureza ia cooperar com o Homem.. Ajudá-lo. Dar-lhe os meios para modificar e revolucionar a paisagem tranquila, onde pastavam os bois e se extendiam as culturas. Persistente, energico, calculado e, acima de tudo, honesto, CARLOS DE BRITTO vai começar, ao lado da esposa dedicada e dos seus primeiros auxiliares, a mais fecunda e brilhante aventura na vida industrial do Brasil. Funda a sua pequena fábrica. Um boeiro fumeja deante da ORORUBA'. Pouco importa a modestia inicial: os pequenos tachos de cobre, as instalações sem conforto, a ausência de técnicos. Assim começam os pioneiros. O que é preciso é alma. Decisão. E CARLOS

DE BRITTO aspirava subir. Tocar para a frente. E possuía um belo estímulo: ao seu lado, envolta na fumarada dos tachos, DONA YAYA, a espôsa e a companheira de luta. Diante dos seus olhos se levantava, airosa e bela, a serra de ORORUBA, como uma legenda apontando as alturas. E começou de rijo, a trabalhar exaustiva. A larga aceitação dos seus produtos multiplicou as atividades da fabricação. Porque êle era um propagnadista exaltado do doce gostoso que fabricava. Enchia-se de pacotes, metia-se num navio e ia para o sul presentear os amigos, difundir o produto da fabriqueta que fundara no nordeste.

Era um visionário prático da goiabada, o seu corretor fervoroso, mostrando, as suas qualidades, contanto que toda gente provasse e comesse da iguaria feita numa cidade matuta. Nunca, em nenhuma indústria do mundo, se viu um pioneiro com tanto ardor, a se queimar de entusiasmo, como o velho CARLOS com o seu dôce. No Rio de Janeiro, quando êle chegava sobraçando os pacotes, na propaganda da sua indústria incipiente, dizia-se:

— Lá vem o velho da goiabada!

E êle, pisando as ruas da Metrópole, deitando os olhos nas aguas da Guanabara, tão longe da quietude da sua Pesqueira distante, tomava-se dos ares de cavalheiro andante, cheio de esperança e de ternura pelo doce que nascera da sua visão e da sua pertinácia. E de tal modo êsse matuto de Pernambuco falou sôbre o doce e demonstrou as suas qualidades, que o Brasil começou a olhar para a goiabada “Peixe”

Quando se realisou a Exposição Nacional de 1908, a imprensa do sul teceu rasgados elogios á nova indústria que surgira nos descampados do agreste de Pernambuco. E não ficou aí o resultado da comovedora propaganda do velho CARLOS DE BRITTO. Nilo Peçanha comeu do doce pesqueirense e chamou o velho CARLOS:

— Transfira a sua fábrica para Campos, venha para o Rio!

Aquêle convite official deixava antever ajudas e amparo. Mas, o matuto CARLOS DE BRITTO, de botina e colête onde luzia um correntão de ouro, foi incisivo na sua resposta:

— Não. Eu fico por lá, fabricando o meu doce, que virá para aqui, ser vendido.

E assim o fez. Ficou agarrado á Pesqueira. Com o seu boné á cabeça, ostentando o penache de “coronel” da “Briosa”, fumando os cigarros “Az de Ouro”, da Lafayette, no meio da sua gente e á frente da sua fábrica. Não saiu do seu agreste, do seu pedaço de chão nordestino, mesmo com as crises e com as sêcas, no qual êle deitava raises profundas e de onde nenhuma fôrça deste mundo, seria capaz de transplantá-lo.

\*

### III

"Coronel" Carlos de Britto revoluciona  
a paisagem adusta.

Matuto que enxerga longe.

A honestidade: uma armadura.

Prefeito que inova... "Lá vem o  
bonde de burro"!

Repouso forçado. Um raio fere a baraúna.  
Fôrça do sangue.



A visão e a argúcia daquele homem da velha cêpa, ditavam caminhos mais amplos. As virtudes ancestrais eram a sua couraça. A honestidade, a sua armadura. Pois êle não sabia dever um tostão a ninguém. Um fio do seu bigode valia por uma garantia. E tudo na sua fábrica estava em dia. Alí, no meio dos tachos e das folhas de flandres, entre pequenas máquinas e caixas de frutas, se respirava ordem e dignidade. Energico mas humano. Afoito mas comedido. Sóbrio, discreto, ativo. Tinha o dom de se fazer respeitar, de angariar amigos. Comandava como um capitão que sabia cuidar. Ainda hoje os que o conheceram evocam as linhas mestras da sua per-

sonalidade forte. A capacidade de trabalho e de organização. A visão que alcançava longe. O pulso rijo feito para dirigir. Fazia estirar o tempo começando o trabalho cedo e, muitas vezes, varando a noite. Um dia percebeu que precisava modernizar a fábrica. Lançar mãos dos recursos de uma técnica mais avançada. Trazer para o seu núcleo industrial o que houvesse de moderno nos grandes centros. E viajou. Além dos estados do Sul, percorreu alguns paizes estrangeiros. Quando voltou deu novo impulso á indústria que nascera em pequenos tachos. Porque o destino daquela fábrica seria subir e avançar. O toque mágico das mãos de CARLOS DE BRITTO transmitia força, abria caminhos e desbravava roteiros. O motorzinho trepidante que enchia de barulho o "chalé" da RUA QUINZE DE NOVENEMBRO seria substituído por uma maquinaria melhor. Os pobres tachos de cobre deram lugar aos tachos a vapor, importados da Inglaterra e, um dia, seriam vácuos ultra-modernos. Por que o tempo enguliu aquela fabriqueta para dar depois as grandes instalações que são o orgulho da indústria nacional. E polias, e volantes, e dínamos, e motores, e aço e ferro,

tudo isso haveria de assinalar a aventura de uma goiaba que começou a ser fervida em um tacho humilde. O gênio que presidia aquela transformação era o velho CARLOS DE BRITTO, êle que fôra, também, um verdadeiro revolucionário na paisagem acanhada do seu tempo. Porque fazendo do trabalho o seu apostolado fecundo, ao lado da espôsa admirável, êle não desdenhava dos que o auxiliavam nos afazeres da indústria. Pelo contrário: tinha no operário um elemento de cooperação. Um amigo e um companheiro de luta. Por isso, muito antes das leis sociais vigentes, CARLOS DE BRITTO instituiu o regime de aposentadoria para os seus velhos servidores, dando-lhes também, entre outros benefícios, casas próprias para residência. Ele não fazia do homem u'a máquina nem via no operário "um burro de carga". Pôde assim esse industrial matuto realizar uma verdadeira revolução no meio econômico e social do seu tempo, vindo de baixo e partindo da modestia e do anonimato. Escolheu para simbolo da sua organização fabril um peixe que era, outrora, no tempo heroico das catacumbas romanas, o sinal glorioso dos cristãos. E deixou a sua obra impregnada do

calor e do entusiasmo que transmitiu aos filhos, continuadores da sua tenacidade e da visão que possuía em todos os setores. Quando o elegeram prefeito da sua cidadezinha (que êle se considerava cidadão de Pesqueira), em pouco tempo imprimiu um novo ritmo ao progresso da terra. Preocupou-se com o abastecimento d'agua. Organizou turmas de trabalhadores, subiu a serra, e realizou as obras do açude da "PEDRA D'AGUA", que ainda hoje serve ao povo.

PESQUEIRA, como as demais cidades do interior, crescia ao "Deus-dará". Mas o prefeito "coronel" CARLOS, viajado e esclarecido, remodelou a cidade, alinhou a rua principal, melhorou o aspecto urbanístico, instalou o serviço de luz elétrica. E estendeu pelas ruas, em tôda a extensão da cidade comprida, os trilhos por onde deslisava, sugestivo e pitoresco, o pequenino bonde de burro, que por mais de 20 anos serviu á população e era o orgulho da terra. E' verdade que o bondezinho parava aqui e ali, ás vezes esperando até que o "freguez" desse o laço da gravata ou metesse aos pés as botinas. Mas, vagaroso e amigo, ao troté dos burros gorãos que obedeciam ao comando da voz pastosa do velho

JOÃO BOLIEIRO, lá se ia o bondezinho, da Estação á Rua QUINZE ou vice-versa, nas horas de trem ou nas tardes domingueiras, dando adeus com as cortinas que o vento agitava .E quando o chicote estalava e o bondezinho rolava nos trilhos, os meninos gritavam:

— MAMÃE, lá vem o bondel

E muitos acertavam os relógios, porque, solene e guapo, na boleia, JOÃO BOLIEIRO era pontual como um inglês mestiço.

Aquele bonde de burro, que ainda hoje dá saudade, era a mensagem do progresso que o “coronel” CARLOS trouxera para a pasmaceira do burgo que êle governava e agitava com os bociros e os apitos da sua fábrica.

\* \* \*

Um dia o velho CARLOS DE BRITTO se sentiu cansado. Os trabalhos exaustivos lhe abalaram a saúde. Foi repousar na quietude da vila de ALAGOINHA, bem defronte dos escavados da serra do “GAVIÃO”. Ficava estirado numa cadeira preguiçosa, lendo os jornais em que ninguem tocava, enquanto

não os lesse com vagar, devorando tranquilamente, linha por linha. Respirando o ar fino da serra, conversando com amigos, e jogando inocentes partidas de gamão — o seu fraco.

Mas êle não se acostumava com aquela inércia. O seu clima era o trabalho, a oficina, a fábrica. E naquele repouso forçado, certo dia, longe da trepidação dos motores, um colapso traiçoeiro, parou o bravo coração do velho CARLOS FREDERICO XAVIER DE BRITTO. Um raio abateu a baraúna da Ororubá. Lá fora o sol faiscava nos rochedos da serra do "Gavião". E os mulungús, cobertos de flores vermelhas, pareciam pinceladas de sangue, na paisagem cinzenta daquele dezembro ensolarado de 1920.

Agora, imóvel e frio, com a serenidade estampada na face, o velho CARLOS DE BRITTO, dormia para todo o sempre. As suas mãos, que não pararam por quase meio século, estavam agora cruzadas sôbre o peito, na grande viagem.

Os seus amigos dedicados, trouxeram o seu corpo para dormir o sono eterno, ao pé da serra airosa, na terra pesqueirense, onde êle lançara a semente de uma grande riqueza. E em silêncio, no caixão

funebre, carregado pelo povo, êle percorreu pela última vez as ruas tranquilas daquela cidadezinha que êle tanto amara e que assistira ás suas lutas e vitórias. Naquele dia os motores da fábrica "PEIXE" estavam parados, não saia o rôlo negro de fumaça dos altos bociros e os apitos emudeceram. Só os sinos de SANTA ÁGUEDA choravam, nas torres da Catedral. Os sinos e o povo, a imensa multidão, de olhos molhados e vermelhos, que marchava em silêncio para enterrar um legítimo, um autêntico capitão de indústrias.

\* \* \*

Hoje, se vivo fôsse, êle haveria de ver que a sua obra continua avançando, como tocada ainda do entusiasmo e do dinamismo que impulsionaram o começo da marcha: é a força do sangue.

O centenário de CARLOS FREDERICO XAVIER DE BRITTO não é apenas uma comemoração. E' também a lição admirável da continuação de uma obra e de um exemplo.

Composto e impresso nas  
Oficinas Gráficas de  
«Fôlha da Manhã S.A.»  
-- R E C I F E --